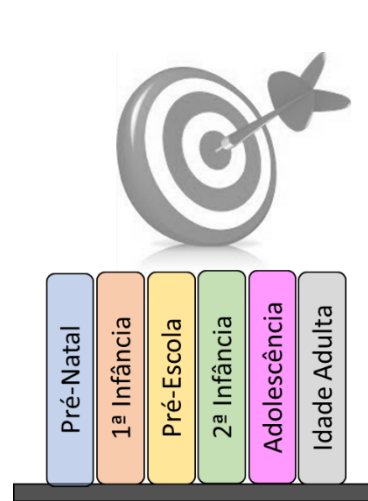




CATEDRAL PRESBITERIANA DO RIO DE JANEIRO



Escola Bíblica Dominical

FUNDAMENTOS E OBJETIVOS

Nota Explicativa

Este trabalho foi cuidadosamente elaborado pela liderança da Escola Bíblica Dominical da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, na década de 1990.

Considerando que tal material tem o seu valor e potencial de orientar professores e líderes da EBD achei oportuno realizar uma revisão superficial e atualização do formato, sem alterar a essência do texto original, com o propósito de torná-lo disponível para quem desejar utilizá-lo.

Vale ressaltar a participação proeminente da saudosa e ilustre professora Juny Boechat Leite na elaboração e/ou compilação deste trabalho.

Presb. Paulo Raposo Correia

.....

“Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.”
(Pv 22.6)

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.” (2Tm 3.16-17)

Edição Revisada JUL/2022

Sumário

INTRODUÇÃO.....	4
1. FUNDAMENTOS GERAIS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	5
1.1 Período Pré-Natal.....	5
1.2 Primeira Infância (os dois primeiros anos de vida).....	6
1.3 Pré-Escola (2 a 5 anos).....	11
1.4 Segunda Infância (6 a 12 anos).....	16
1.5 Adolescência (12 a 17 anos).....	23
1.6 A Idade Adulta (a partir dos 18 anos)	27
2. IMPORTÂNCIA DA ESCOLA DOMINICAL.....	28
3. OBJETIVOS DA ESCOLA DOMINICAL.....	28
4. PERSPECTIVAS E REFLEXÕES	29

INTRODUÇÃO

A EDUCAÇÃO CRISTÃ é uma das dimensões fundamentais do magistério da Igreja de Cristo.

No processo de Educação Cristã, insere-se de modo proeminente a ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL, comprovadamente um dos recursos mais eficientes no preparo dos discípulos do Senhor Jesus Cristo.

Sua eficiência independe de fatores externos: uma boa aula bíblica dominical pode ser dada tanto à sombra de uma árvore, quanto na sala mais bem equipada. Pode ser ministrada tanto por uma pessoa de instrução elementar quanto por uma de alto nível intelectual.

A chave do ensino bíblico está contida em declarações de Cristo: *"Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus"* (Jo 6.45a). O Pai ensina: *"Todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim"* (Jo 6.45b). O Filho ensina: *"Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz"* (Jo 18.37); *"Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado"* (Jo 15.3). E, o Espírito Santo também ensina: *"O Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas"* (Jo 14.26).

Logo, a boa Escola Bíblica Dominical é aquela em que alunos e professores se deixam ministrar pelo Triúno Deus.

Jesus Cristo, o cabeça da Igreja, é o Mestre, Pedagogo Perfeito, como o encontramos em seu Evangelho. Ele conhecia seus ouvintes e o ambiente em que viviam, empregava a linguagem deles e usava todos os recursos à sua volta. Nada mais didático do que disse ao pescador Pedro: *"De agora em diante você vai pescar homens"*. As consequências destas poucas palavras repercutirão até à volta do Senhor Jesus.

Por sua vez, o livro ensinado na Escola Bíblica Dominical - BÍBLIA SAGRADA - está vazado em pedagogia perfeita.

Jesus, o Mestre, usou todos os recursos disponíveis em seu tempo. Nós, pessoas do nosso tempo, devemos usar todos os recursos ao nosso alcance.

Entre os recursos do nosso tempo, encontram-se os conhecimentos científicos sobre o ser humano.

Várias ciências se conjugam para o melhor conhecimento do homem, entre elas a Psicologia, a Biologia, a Medicina, a Biogenética e a Filosofia.

1. FUNDAMENTOS GERAIS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Para definirmos os objetivos da Escola Bíblica Dominical, devemos fundamentá-los no conhecimento do ser humano ao qual se destinam. Assim, vamos basear-nos em pesquisas científicas que nos fornecerão as noções gerais de que precisamos.

O desenvolvimento do ser humano, primeiro no útero e, depois, como indivíduo em desenvolvimento, compões um processo em várias etapas: maturação física, desenvolvimento contínuo das capacidades perceptivas e formação dos poderes intelectuais. O resultado é o desdobramento de uma personalidade nova e única.

1.1 Período Pré-Natal

Há dois fatores fundamentais na formação do ser humano: a hereditariedade e o ambiente pré-natal.

1.1.1 Hereditariedade

A hereditariedade é a transmissão dos caracteres de um ser vivo aos seus descendentes. É produto dos genes no desenvolvimento de uma pessoa (gene é o nome dado a unidades definidas localizadas nos cromossomos, e responsáveis pela produção dos caracteres hereditários).

Inúmeras características fundamentais, inclusive desvios, são transmitidos hereditariamente.

A Biogenética avança vertiginosamente e já se têm informações de inúmeras intervenções nos genes, o que era impensável até recentemente.

A hereditariedade é, pois, responsável pelos caracteres físicos, determinando também, certos fatores da personalidade. No entanto, várias características hereditárias, como o temperamento e a capacidade intelectual podem ser bastante modificadas pelo meio ambiente e pela experiência humana.

1.1.2 O Ambiente Pré-Natal

Influências ambientais são decisivas na formação e desenvolvimento do ser humano, destacando-se aí, fundamentalmente, a atitude da gestante.

Gestantes bem alimentadas, tranquilas e afetuosas muito colaboram para a boa formação dos seus bebês

De igual modo, uma gestante sem a devida orientação, prejudicará irreparavelmente o desenvolvimento sadio do feto. O uso do fumo e a ingestão de substâncias danosas, como o álcool, poderão provocar anomalias tanto físicas quanto mentais. A nicotina, por exemplo, provoca a contração dos vasos sanguíneos na placenta.

A tensão materna é prejudicial por aumentar a atividade fetal.

Certas doenças contraídas por mulheres grávidas podem atingir o feto.

Estudos e pesquisas modernos sobre a formação do ser humano levam em conta os fatores hereditários e os ambientais.

1.2 Primeira Infância (os dois primeiros anos de vida)

1.2.1 Conceitos Gerais

As crianças seguem, em geral, um padrão comum de desenvolvimento físico, obedecendo, no entanto, a seus próprios ritmos individuais.

O bebê aprende a controlar primeiro a cabeça, seguindo-se o controle do tronco, dos membros, dos artelhos e dos dedos.

Durante o primeiro ano de vida, os hábitos de sono e de alimentação tornam-se estáveis.

O desenvolvimento do bebê depende, em grande parte, da nutrição e da influência ambiental.

1.2.2 Desenvolvimento Motor

A maioria das células cerebrais se forma durante a gestação. À medida que o cérebro amadurece e o córtex cerebral vai se tornando mais capaz de presidir os movimentos, o bebê vai, aos poucos, adquirindo a capacidade de usar as diferentes partes do corpo: o controle da cabeça, a manipulação, o virar-se, o sentar-se, o andar etc.

1.2.3 Desenvolvimento Físico

A criança se desenvolve fisicamente obedecendo a ritmos diferentes, de acordo com tabelas geneticamente determinadas. No entanto, o seu desenvolvimento pode ser melhorado, ou retardado, por fatores tais como: nutrição, circunstâncias ambientais e exercitação especial.

Em condições normais não se torna necessário ensinar novas atividades às criancinhas. No entanto, por vezes, um ambiente restrito pode impedi-las de progredir.

Verificou-se que os bebês que vivem em ambientes desinteressantes, recebendo apenas os cuidados mínimos, têm o desenvolvimento retardado, acontecendo o inverso com crianças estimuladas pelo ambiente.

A capacidade de aprender uma habilidade nova depende de dois fatores, entre outros: a maturidade física e a oportunidade de praticar.

1.2.4 Desenvolvimento Cognitivo

Todas as crianças experimentam uma sequência de etapas da aprendizagem, porém a idade varia de indivíduo para indivíduo em cada etapa.

Há aprendizado quando a criança adquire um comportamento novo ou modifica um comportamento anteriormente adquirido.

O ambiente doméstico tem importância decisiva no desenvolvimento cognitivo nos dois primeiros anos de vida. A criança precisa ser estimulada adequadamente pelos pais a fim de que desenvolva o seu potencial máximo nessa fase.

1.2.5 Processos Básicos de Aprendizado

Destacamos o condicionamento clássico, o condicionamento operante e o aprendizado por imitação.

- Condicionamento Clássico

É uma das formas mais simples e fundamentais de aprendizado. Experiência realizada com um grupo de recém-nascidos provou que este aprendizado, que se prolonga vida afora, começa na primeira semana de vida. Por exemplo: a resposta inata do roçar do bico ou do mamilo sobre os lábios do recém-nascido é de começar a sugar. Esse tipo de resposta condicionada foi pesquisado e estudado pelo psicólogo russo PAVLOV.

- Condicionamento operante

Esse processo também implica no estabelecimento de uma conexão entre um estímulo e uma resposta. Depende, porém, das conseqüências produzidas pela resposta. Aqui, a resposta é emitida pelo indivíduo, e não suscitada por um estímulo específico.

O aprendizado operante pode ser reforçado de forma positiva, ou negativa. Quando a criança recebe um chocolate por ter comido toda a sua refeição, o chocolate constituirá um reforço positivo se a criança vier a tomar sempre toda a sua refeição.

O reforço será, porém, negativo quando a resposta vier depois de um estímulo desagradável. Quando a criança queima o dedinho no fogo, ela retira a mão imediatamente. No futuro ela o retirará ainda mais rapidamente, ou evitará completamente o fogo que, nesse caso, agiu como reforço negativo.

O castigo é menos eficaz que o reforço positivo ou negativo.

Devemos ao psicólogo D. F. SKINNER grande parte das pesquisas sobre o condicionamento operante.

- Aprendizado por imitação

A criança é propensa a imitar o comportamento das pessoas com quem se identifica (irmãos ou outras crianças) e o dos que são importantes para ela (pais, avós, tios, ou outras pessoas que cuidam dela). Raramente imita o comportamento dos estranhos.

Observou-se também que a criança imita mais facilmente as ações que lhe trazem uma compensação.

1.2.6 Desenvolvimento da Inteligência

O psicólogo suíço JEAN PIAGET é o autor da teoria mais geralmente aceita sobre como se desenvolve a inteligência na infância.

PIAGET considera o aprendizado como uma função da interação entre o nível de maturidade de uma criança e o ambiente em que ela vive.

Toda criança passa por uma sequência de estágios no aprendizado e cada estágio é o prosseguimento do anterior. Todas as crianças passam por esses estágios na mesma ordem, variando, porém, de indivíduo para indivíduo, a idade em que tem início cada um deles. Nisto consiste a sua teoria dos estágios cognitivos no processo de aprendizagem.

PIAGET qualificou os dois primeiros anos de desenvolvimento intelectual de período sensorio - motor. Durante esse período a criança é governada sobretudo pelos cinco sentidos e pelo crescente controle sobre as respostas motoras. Antes dos dois anos de idade, as crianças têm uma compreensão muito pequena da linguagem e dos símbolos. Por isso lidam mais com o concreto.

O período sensório-motor divide-se em várias etapas. O desenvolvimento mais importante desse período é aquele em que a criança passa a se sentir capaz de resolver mentalmente os problemas.

1.2.7 Aquisição de Linguagem

Muito antes de poder usar as palavras, as crianças são capazes de compreender seu significado. Desde a terceira semana de vida, os bebês já distinguem uma voz humana de outros sons. Uma voz tem mais probabilidade de acalmar uma criança do que, por exemplo, uma música. Por volta do terceiro mês, os bebês se sobressaltam ao ouvir uma voz colérica, assim como mostram agrado ao ouvir uma voz carinhosa.

Entre os oito e dez meses de idade, os bebês começam a compreender e obedecer a ordens.

No fim do primeiro ano de vida, ou no começo do segundo, o balbúcio que tem início aos três ou quatro meses de idade, é substituído pela fala, em suas primeiras tentativas.

As primeiras palavras constituem, na realidade, sentenças de uma só palavra, denominadas holofrases, usadas para designar um pensamento completo. Assim, a palavra "carro" pode significar: "Eu quero entrar no carro."

A imitação constitui uma parte importante no aprendizado da linguagem. Acreditam alguns psicolinguistas que a aquisição da linguagem é resultado da imitação, mas se a criança aprendesse a falar somente por imitação, ela ficaria limitada ao uso das sentenças que ouve, e não é isso que acontece. As crianças inventam suas próprias frases, inferem as regras gramaticais e as utilizam à sua própria maneira.

CHOMSKY sustenta que as crianças crescem dotadas de um aparelho para a aquisição praticamente automática da linguagem. Seus seguidores também acreditam que a criança é dotada de uma predisposição natural, inata para aprender a compreender e a usar a linguagem. A ciência, porém, ainda não deu a última palavra a esse respeito.

1.2.8 Inteligência e influências ambientais

O psicólogo BURTON L. WHITE baseou seus estudos nas experiências domésticas das crianças, independentemente do ponto de vista racial, da educação dos pais e das respectivas condições econômicas.

Dividindo um grande grupo de crianças em três subgrupos, WHITE concluiu que o desenvolvimento diferenciado das crianças era devido ao ambiente doméstico.

Até aos dez meses de idade, não havia diferença entre os bebês dos três grupos. A grande diferença surgiu quando as crianças completaram um ano e meio. As capacidades intelectual e social de algumas crianças eram superiores às de outras, provando que as mães eram as responsáveis, podendo ajudar seus bebês a desenvolver essas habilidades. WHITE descobriu também que o período crucial de desenvolvimento se situa entre os dez e os dezoito meses de idade.

Ainda de acordo com WHITE, os efeitos produzidos pelo lar não são inteiramente irreversíveis. Os dados de WHITE indicam que os pais devem ser orientados, a fim de enriquecerem as experiências da criança. Isto acarretaria um melhor desenvolvimento intelectual dos filhos, bem superior ao produzido pela pré-escola e por outros programas complementares que se oferecem às crianças de mais de três anos.

1.2.9 O Brinquedo

As descobertas de WHITE e de seus associados indicam que cabe ao brinquedo uma parte muito importante no desenvolvimento intelectual e no da linguagem. Através do brinquedo, as crianças exteriorizam os seus sentimentos, adquirem habilidades, imitam comportamentos, criam laços sociais, praticam sua linguagem etc.

À medida que amadurecem, as crianças vão se entregando a diferentes tipos de brinquedos: o brinquedo solitário; o brinquedo paralelo, em que a criança brinca simplesmente ao lado de outra; e o brinquedo associativo, em que há interação.

1.2.10 Desenvolvimento Social

Uma criança passa da primeira para a Segunda infância, atravessando uma série de estágios.

Em cada estágio, a criança precisa resolver um conflito entre seus desejos internos e as exigências externas. Esse conflito começa a modelar sua futura personalidade.

Tal como os animais, as pessoas estabelecem laços fortes com os indivíduos que cuidam delas em seus primeiros tempos de vida. Estes laços levam a algum tipo de aprendizado.

Chama-se socialização o processo através do qual se ensina a uma criança os tipos de comportamento que são, ou não, corretos e aceitáveis em sua sociedade.

Em geral, a socialização implica numa disciplina de um tipo qualquer: elogios ou reprimendas. Entre os comportamentos aprendidos através da socialização, lembramos o uso adequado do vaso sanitário, o uso de talheres, o mostrar-se amistoso, o respeitar a propriedade alheia etc.

1.2.11 Ligações Afetivas

O primeiro laço social do bebê é, em geral, com a mãe. Este laço estabelece as bases para os futuros relacionamentos com outras pessoas, dando à criança segurança para confiar em si mesma e nos outros, em novas situações.

As pessoas que venham a substituir a mãe poderão cuidar muito bem dos bebês, desde que sejam carinhosas e compreensivas.

A interação contínua entre a criança e a pessoa que cuidar dela tem como resultado um elo afetivo que traz bem-estar emocional à criança.

As crianças fortemente apegadas às mães passam a recear os estranhos aos oito meses, aproximadamente.

No entanto, bebês que vivem em instituições, não demonstram, em geral, nenhuma angústia diante de desconhecidos.

1.1.12 Conclusão

As pessoas tendem a educar os filhos do mesmo modo pelo qual elas mesmas foram educadas, conforme o exemplo dos pais. Entretanto, em nossos dias, tem-se dado ênfase aos efeitos psicológicos de muitas novas técnicas aplicadas à educação dos filhos.

1.3 Pré-Escola (2 a 5 anos)

1.3.1 Conceitos Gerais

Nos anos pré-escolares, o crescimento físico torna-se mais lento e o desenvolvimento vai sendo moldado pela consciência que a criança vai adquirindo de si mesma.

O desenvolvimento perceptivo prossegue rapidamente e o intervalo de atenção da criança aumenta. Seu processo mental entra no chamado "estágio pré-operacional", quando a criança aprende a usar símbolos abstratos.

A capacidade de utilização da linguagem aumenta muitíssimo.

Pesquisas comprovam que a criança precisa de um lar que a estimule ou de um ambiente pré-escolar que a leve a desenvolver suas capacidades de aprendizado.

1.3.2 Crescimento Físico

Entre os dois e os três anos de idade, a criança passa da primeira infância para o estágio pré-escolar.

Os dois primeiros anos são assinalados pelo rápido crescimento físico. Durante esse período, o desenvolvimento está voltado para a interação da maturidade biológica com a realidade ambiental. Durante os três anos seguintes, haverá uma ênfase no crescimento cognitivo e social. O desenvolvimento será afetado menos pelas forças biológicas e mais pela autoconsciência crescente da criança, pela imagem que ela está começando a receber. O crescimento físico adequado depende, além dos fatores genéticos, de boa saúde, de alimentação adequada e do bem-estar emocional. A percepção diz respeito à organização da informação colhida pelos sentidos: visão, audição, paladar e tato. É importante que os pré-escolares aprendam a fazer distinção entre objetos ou situações, e a classificar os objetos através da generalização de seus traços comuns.

Os pré-escolares costumam valorizar uma parte proeminente de um objeto, ignorando o resto. Assim, nos desenhos, os rostos são particularmente grandes e pormenorizados em relação ao corpo, pela importância daqueles que cercam a criança. À medida que amadurecem, as crianças aprendem a reconhecer que um todo é constituído de diferentes partes. Entre os dois e os quatro anos de idade, as crianças começam a avaliar até certo ponto as distâncias e os tamanhos relativos. Com um pouco mais de experiência, elas começam a compreender as relações espaciais.

A partir do terceiro ano de vida, já percebem corretamente os objetos, independentemente da sua posição.

A percepção da criança é influenciada pelo ambiente em que vive e pela linguagem que aprende.

1.3.3 Desenvolvimento Cognitivo e Estágio Pré-operacional de PIAGET

O estágio pré-operacional tem início quando a criança começa a pensar simbolicamente.

Aos dois anos, a criança já é capaz de formar a imagem mental de um objeto ou de uma experiência, e até mesmo empregar palavras como símbolos de algumas ideias.

Segundo PIAGET, o pensamento é um processo de organização de uma nova informação num conjunto de esquemas já estabelecidos. A criança se adapta às novas experiências, ajustando-as aos conceitos que ela já domina, e acomodando o seu pensamento de forma a incluir as novas informações.

A utilização de símbolos capacita a criança a pensar além do presente, a lembrar o passado e a antecipar o que pode acontecer no futuro.

Durante esse estágio a criança passa a se interessar por brinquedos imitativos e, também, pelos imaginativos.

O pensamento pré-operacional apresenta determinadas características:

- **Egocentrismo:** a criança leva em conta o seu ponto de vista, a sua lógica e não a dos outros.
- **Centralização:** é a tendência de focalizar um aspecto do acontecimento, ignorando o todo.
- **Irreversibilidade:** incapacidade de inverter mentalmente um processo.
- **Seriação:** capacidade de compreender as relações de tamanho, podendo colocar em ordem objetos, segundo as suas dimensões.
- **Realismo:** é a ideia de que tudo no mundo é real – objetos, pessoas, palavras, ideias, sonhos. Trata-se de um aspecto ilógico do pensamento pré-operacional. A criança aceita o animismo, atribuindo características humanas a objetos inanimados como os brinquedos, com os quais conversa e a que atribui vida.

1.3.4 Desenvolvimento da Linguagem

A capacidade infantil de formar imagens, assim como o seu grau de percepção estão relacionados com o seu conhecimento da linguagem. Esta pode limitar ou ampliar o que é percebido.

A aptidão para a linguagem melhora prodigiosamente durante os anos pré-escolares. As crianças não se limitam apenas a usar um vocabulário muito mais rico, mas ordenam suas frases de modo correto, embora ainda não possam usar todos os verbos irregulares corretamente.

1.3.5 Influências sobre o Desenvolvimento Cognitivo

Os pais desempenham papel fundamental no desenvolvimento cognitivo da criança em seus primeiros anos de vida. A alimentação, o clima emocional e as experiências no lar têm efeito fundamental sobre a inteligência da criança. Atitudes de amor, de elogio, de atenção e de presteza em responder às perguntas estimulam beneficemente a criança.

A escola maternal ou a creche, desde que preencham seus requisitos de qualidade, proporcionam excelentes oportunidades para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo do pré-escolar.

A pré-escola desejável deve ser equipada de móveis adequados, brinquedos que estimulem a imaginação, instrumentos musicais, espaço para atividades físicas, decoração, salas bem ventiladas e bem iluminadas etc.

A pré-escola deve estimular a autonomia, a autoconfiança, o raciocínio, a indagação, a análise. Atenção especial a autonomia, a autoconfiança, o raciocínio, a indagação, a análise. Atenção especial deve ser dada aos relacionamentos.

Há, ainda, fatores complementares que exercem poderosa e múltipla influência nesta fase pré-escolar: a TV, o vídeo, os jogos eletrônicos etc.

1.3.6 Desenvolvimento da Personalidade

Alguns de nossos sentimentos e atitudes, tais como a confiança ou a desconfiança em nós mesmos e nos outros, são partes integrantes de nossa personalidade. Em geral, esses sentimentos são modificados apenas temporariamente pelas experiências positivas ou negativas.

O temperamento de uma criança já é, pelo menos parcialmente, determinado pela genética, entretanto suas experiências durante a primeira infância com os pais e demais pessoas fornecem-lhe vários tipos de atitude que ele poderá empregar no decorrer da vida.

Durante os anos pré-escolares, a criança vai se transformando numa pessoa relativamente autônoma, capaz de lidar com situações conflitantes. Ao se relacionar com outras pessoas, ela é capaz de levar em conta, relativamente, os desejos e emoções delas.

1.3.7 Identificação e Tipo Sexual

A identificação é um valor fundamental que favorece o processo de socialização. Uma criança tende a se identificar com um dos progenitores porque ela deseja parecer-se com ele, pelos seus sentimentos, autoridade, valores e comportamento.

Os pais em geral, são modelos positivos, e a criança é propensa a imitar mais esses modelos do que os negativos.

Uma das conseqüências da identificação com os pais é o aprendizado do comportamento sexual adequado. A maioria das diferenças de conduta entre meninos e meninas resulta da socialização.

Até certo ponto, elas se identificam com os dois progenitores. Quando ambos são vistos como modelos positivos, a criança adota as atitudes e comportamento de ambos. No entanto, num dado momento, ela percebe que se assemelha mais a um do que ao outro, e é propensa a copiar as atitudes e sentimentos do progenitor do mesmo sexo.

1.3.8 Identidade e Dependência

A identidade ou autoimagem surge aos poucos, à medida que diminui a dependência da criança em relação aos pais.

A criança muito dependente agarra-se demais aos pais, professores e colegas, buscando a aprovação deles. Um pré-escolar relativamente independente necessita de menos atenção. Uma autoimagem positiva ou a confiança em si mesmo, parece ter uma certa relação com uma independência relativa.

Por volta dos cinco anos de idade, a criança já deve ser capaz de se desincumbir de muitas tarefas, sem ajuda. Deve estar também disposta a passar algum tempo sozinha, quando entregue a algum brinquedo interessante.

1.3.9 Desenvolvimento Social e Moral

Aprender a agir segundo um padrão moral é uma função do desenvolvimento da consciência. De acordo com FREUD, a consciência é adquirida através da identificação. O pré-escolar interioriza os valores e atitudes dos seus pais, à medida que se vai identificando com eles. As crianças aprendem mais facilmente a controlar seu próprio comportamento quando os pais são afetuosos, gratificantes e relutam em aplicar castigos físicos. O ambiente propício leva a uma identificação mais íntima e a uma futura motivação para agir de maneira moralmente aceitável. PIAGET pesquisou o julgamento moral das crianças, verificando que elas respondiam aos códigos morais de formas diferentes, à medida que amadureciam.

Um pré-escolar compreende que deveria seguir as regras, mas é incapaz de compreender a sua razão de ser. Segundo Piaget, as crianças muito pequenas seguem um código moral a fim de imitarem os adultos, e não porque tenham um senso ético.

Ele afirma, ainda, que muitos pré-escolares se controlam mais com o intuito de evitar as punições, e não por acreditarem que a moralidade em si mesma seja mais eficaz. São também incapazes de distinguir o ato intencional do acidental.

O declínio do raciocínio egocêntrico tem como resultado uma preocupação crescente com os sentimentos dos outros. No final do estágio pré-escolar, as crianças já se sentem capazes de agir de acordo com regras morais. À medida que amadurecem, passam a controlar suas atitudes devido mais a uma necessidade, e pelos princípios morais das outras pessoas do que pelo receio de castigo ou desaprovação.

1.3.10 O Brinquedo

O brinquedo, já disse alguém, é o "trabalho" das crianças. Ele ensina lições fundamentais. As crianças, brincando, adquirem uma compreensão das relações entre estímulos e respostas.

Um pré-escolar nem sempre distingue entre a realidade e a fantasia; os sonhos são reais, e os personagens das histórias têm vida. Sua imaginação faz com que qualquer acontecimento mágico pareça realidade.

A fantasia permite à criança dispor de poderes que ela percebe nos adultos. Funciona como uma válvula para as emoções, permitindo que a criança assuma identidades diferentes, tornando-a capaz de imitar comportamentos adultos.

Há a fase do brinquedo solitário e a do brinquedo paralelo, como já vimos, porém a fase mais produtiva é a do brinquedo cooperativo. Este contribui especialmente para que a criança se conscientize dos desejos e emoções dos outros, aprendendo a levar em conta os pontos de vista diferentes dos dela. Além disso, ela aprende a perceber a sua própria identidade ao observar as reações de seus companheiros.

É também durante os anos pré-escolares que a criança aprende a competir com seus pares. É uma fase rica em criar companheiros imaginários. Estes proporcionam, não apenas companhia, mas ainda permitem que a criança expresse seus sentimentos inadmissíveis os seus desejos ocultos, podendo agir como uma segunda consciência.

1.4 Segunda Infância (6 a 12 anos)

1.4.1 Conceitos Gerais

Durante este período o crescimento é grande e relativamente tranquilo.

Com maior maturidade cognitiva, os processos mentais começam a se assemelhar aos dos adultos.

É nos anos da segunda infância que o desenvolvimento moral tem realmente início.

Segundo Piaget, o desenvolvimento moral é, em grande parte, uma questão de treinamento social; para Kohlberg é, em grande parte, uma questão interior.

Nesta fase, as crianças, em geral, são submetidas a testes de inteligência e aptidão, mas os resultados nem sempre são claros e confiáveis.

1.4.2 Desenvolvimento Físico

Na segunda infância, o desenvolvimento físico é mais constante e gradual do que durante os anos da pré-escola e os da adolescência.

Nesta fase, o cérebro está quase completamente desenvolvido. Os olhos vão adquirindo sua forma definitiva, e a visão vai se tornando como a do adulto.

Entre os seis e os dez anos, os dentes de leite são substituídos pelos permanentes. Como algumas partes do corpo apresentam um crescimento não proporcional, a criança pode parecer um tanto desajeitada. As meninas pesam mais que os meninos e, nos últimos anos dessa fase, são mais adultas.

1.4.3 Desenvolvimento Motor

O desenvolvimento motor aumenta prodigiosamente entre os seis e os doze, daí as inúmeras habilidades adquiridas: correr, pular, chutar, lançar, subir, andar de bicicleta etc.

Note-se, ainda, que as habilidades motoras estão estreitamente ligadas à estatura, ao arcabouço e, em alguns casos, ao sexo.

Os meninos tendem a melhorar continuamente suas habilidades motoras entre os cinco e os sete anos, enquanto as meninas o seu máximo aos treze anos.

As meninas, em geral, amadurecem mais cedo alcançando, portanto, mais cedo que os meninos, a altura e o desenvolvimento máximo, assim como suas características sexuais secundárias.

1.4.4 Maturidade Psicológica

Relativamente à primeira infância e à pré-escola com suas pressões e à adolescência com suas inquietações e problemas, a segunda infância é uma fase tranquila. Nesse período, a criança já não é tão dominada pelas imagens paternas. Agora, ela tem um potencial que a leva a preferir suas próprias atividades e seus próprios valores. Os meios de comunicação e o avanço tecnológico abrem-lhe horizontes até então inimagináveis, para os quais ela já tem uma apreciável maturidade psicológica.

1.4.5 Período Operacional Concreto

Piaget, como já vimos, dividiu o processo de aprendizagem da criança em vários estágios. Os dois primeiros são o da inteligência sensório-motora, que ocorre durante os dois primeiros anos de vida, e o do pensamento intuitivo ou simbólico, também chamado de pré-operacional, que se desenvolve nos anos pré-escolares.

O estágio cognitivo subsequente, Piaget denominou "operacional concreto", experimentado nos primeiros anos a segunda infância. Durante este período, a criança é capaz de efetuar operações mentais sobre objetos materiais, visualizando diferentes formas e aspectos. Ela consegue imaginar um objeto tal como era antes, ou como será mais tarde. Essa capacidade essencial ao desenvolvimento operacional concreto chama-se "conservação".

Essa capacidade ficou provada numa experiência clássica. Despeja-se certa quantidade de água de um copo alto e estreito dentro de outro mais baixo e largo. A criança na pré-escola se deixa iludir pelo aspecto dos recipientes, não percebendo que o volume de água é o mesmo. Alcançada a segunda infância, a criança não se deixa enganar por essas operações. Em suma, na segunda infância as crianças já compreendem que os objetos podem passar de uma forma para outra conservando, no entanto, a mesma quantidade desde que nada lhe tenha sido tirado ou acrescentado.

Outra característica do período operacional concreto é a "descentralização". Agora a criança não vê o mundo que a cerca apenas em termos de situações imediatas e momentâneas. Ultrapassando o período "egocêntrico", a criança é capaz de "descentralizar-se", isto é, interessar-se por mais de um aspecto de uma situação ao mesmo tempo.

A reversibilidade é a outra característica desse estágio cognitivo. Por ela a criança percebe a possibilidade de um processo tomar mais de uma direção. Assim como uma subtração pode desfazer uma adição, também uma ação posterior pode desfazer uma ação anterior. A grande importância do fator reversibilidade encontra-se no fato de a criança poder prever as consequências de seus atos.

O estágio cognitivo que acabamos de ver leva a criança a sair de dentro de si mesma e a voltar-se para o mundo exterior. Ela se torna apta a classificar os fatos e armazená-los para utilização em diferentes processos de pensamento.

É nessa fase, e não antes, que se manifestam as aptidões. Sem esse nível de maturação, a educação precoce representa frequentemente um período de frustração e sofrimento para as crianças e para os adultos.

Entretanto, a aptidão para o aprendizado não depende apenas da idade cronológica. A maturidade emocional, o ambiente, a alimentação e a educação desempenham também funções substanciais na maturidade cognitiva.

1.4.6 Aptidão Moral

A habilidade adquirida na segunda infância de considerar um ponto de vista diferente do seu e de compreender que as ações podem ser revertidas, altera a atitude

da criança na sociedade. Tornam-se possíveis novas ações e o autocontrole. É nesse estágio que a criança começa a desenvolver atitudes de comportamento social e moral.

Piaget propôs o ponto de vista segundo o qual os valores morais se desenvolvem através de um processo racional. Esse ponto de vista é adotado por muitos psicólogos e educadores modernos. Tal processo corresponde aos estágios da maturidade cognitiva. Logo, o desenvolvimento dos valores morais constitui uma parte previsível da maturidade.

Proposta de Piaget: " As regras do jogo de bolinhas de gude". Piaget e seus companheiros entrevistaram crianças de diversas idades, após observá-las quando jogavam. As perguntas eram do tipo: "– Você pode inventar novas regras?" "– As regras podem ser modificadas?" "– Era assim que seu pai jogava?" "– De onde vêm estas regras?"

As perguntas de Piaget, sobre as regras, originaram-se de sua convicção de que, tal como um jogo, a moralidade se baseia em regras, significando que o indivíduo tem de aprender a respeitar as regras.

Piaget complementou o seu estudo contando histórias às crianças. Essas histórias sempre propunham um dilema moral. A criança deveria fazer uma opção diante de duas alternativas. O resultado dessas pesquisas capacitou Piaget a traçar um padrão bastante regular de desenvolvimento moral durante a segunda infância (6 aos 12 anos). Ele dividiu esse padrão em três estágios:

- Aos cinco anos, as regras se tornam muito importantes para a criança. Parecem-lhe ter uma existência independente, até certo ponto semelhantes às regras naturais. É o realismo moral. Elas não podem, de modo algum, ser infringidas. Se o são, o conceito de justiça da criança exige o castigo imediato e proporcional.
- Aos dez anos, a criança é mais flexível em seu conceito de regras. Pode até dispor-se a alterar as regras de um jogo se os demais jogadores concordarem. Nesse estágio a criança já não dá atenção apenas à sua própria interpretação das regras. Isso corresponde ao desenvolvimento da descentralização: a aceitação de pontos de vista diferentes.
- Aos doze anos, a criança começa a considerar justa qualquer regra, desde que haja consenso. Nessa fase, já é bem acentuado o seu senso social. Agora, ela já se sente capaz de alterar as regras, não aceitando sem discussão as propostas dos adultos. Ao julgarem as ações, elas estão começando a fazer uma distinção entre a moralidade da intenção e a moralidade do efeito objetivo.

Kohlberg partiu das pesquisas e métodos de Piaget, não tendo acrescentado grande coisa. Ele também dividiu o raciocínio moral em diferentes estágios. Segundo Kohlberg, a fim de passar de um estágio de desenvolvimento moral para outro, a criança deve descobrir que as regras do estágio presente são inadequadas para lidar com os novos problemas.

1.4.7 Inteligência

Para bons psicólogos, a inteligência é a combinação de vários componentes: a memória, o raciocínio, os conceitos de número, a rapidez de percepção, a noção de espaço, a compreensão e a fluência verbais.

A maioria dos testes que definem o nível de inteligência – QI – tem como chave a linguagem, e esta, por sua vez, tem como suporte a cultura. O que se tem como indiscutível é que os testes de inteligência apresentam muitas distorções.

BERKELEY fez uma importante descoberta: a de que a inteligência não se mantém constante; os resultados dos testes durante a primeira infância têm pouca relação com os resultados dos testes aplicados depois que a criança adquiriu habilidades linguísticas. Atualmente é colocada em relevo a "inteligência emocional", como veremos a seguir:

"Há 20 anos, muitas pessoas acreditavam que se devia começar a trabalhar cedo com o cérebro das crianças para que fossem bem-sucedidas na vida. Mas agora entramos na era em que os cientistas estão reconhecendo que, na vida real, a inteligência emocional – a capacidade de se dar bem com as pessoas e tomar boas decisões – é mais importante para o sucesso do que a inteligência acadêmica avaliada em testes de QI (quociente de inteligência)".

"Na melhor das hipóteses, o QI contribui com apenas 20% para os fatores que determinam o sucesso na vida, e a maioria dos pais tem deixado os outros 80% ao sabor do acaso, segundo DANIEL GOLEMAN, psicólogo e consultor comportamental do New York Times, que publicou "Inteligência Emocional". O QI é importante, mas não é tudo. Muitas pessoas de QI elevado trabalharão para outras com índices mais baixos que têm maior inteligência emocional".

"A nova inteligência é baseada em cinco elementos: conhecer os próprios sentimentos e usá-los para boas decisões; gerenciar os sentimentos de forma a evitar que os problemas afetem a capacidade de pensar; Motivar-se a despeito das dificuldades persistentes; conservar a esperança; simpatizar-se com as pessoas e ser capaz de relacionar, cooperar e administrar sentimentos nas relações." (Lynn Smith – "Los Angeles Times" – Jornal do Brasil 24/09/1995).

1.4.8 Desenvolvimento da Personalidade

É bastante acentuado o desenvolvimento da personalidade na segunda infância.

Meninos e meninas se tornam conscientes de suas diferenças sexuais, modificando, portanto, o seu comportamento.

As crianças começam, também, a se interessar pelas habilidades e ocupações dos adultos, empenhando-se por adquiri-los.

Nessa fase o superego infantil se estabiliza e se fortalece. As influências externas, tais como a autoridade paterna e o temor de castigo, como guia de conduta e de critério nas decisões sociais e morais começam a ser substituídos. Esse desenvolvimento, no entanto, não é tranquilo, pois a criança vai encontrar inúmeros obstáculos em seu ambiente, o que lhe trará conflitos e angústia.

Durante a segunda infância, vai-se notar acentuada diferença com relação ao brincar. A criança desiste dos jogos infantis, interessando-se, como já mencionamos, por imitar as ocupações dos adultos. Quando fica frustrada essa primeira introdução à engenhosidade, a criança se sente dominada pelo sentimento de inferioridade, que pode acompanhá-la vida afora.

Nessa fase, é importante não estimular o comportamento supercompetitivo, o que iria afastar os seus companheiros, dificultando o ajustamento que lhe cabe fazer para viver em sociedade.

1.4.9 Autoconceito

O fator mais importante para o desenvolvimento de um autoconceito elevado durante a segunda infância é a personalidade e a conduta dos pais.

Os pais amorosos suscitam aparentemente uma autoestima elevada, já a disciplina aplicada de forma incoerente tende a gerar na criança uma reduzida autoestima.

Os filhos de famílias pequenas, assim como os primogênitos e os filhos únicos, se têm, aparentemente, em alta conta.

As crianças provindas de ambientes socioeconômicos pobres são mais propensas a terem de si mesmas uma opinião mais elevada do que seus companheiros mais bem situados.

As experiências de um menino ou menina durante a segunda infância contribuem muito para determinar seu futuro senso de autoestima.

1.4.10 Desenvolvimento Social

Durante a segunda infância a criança penetra no mundo da escola e dos companheiros de brinquedo, começando aos poucos a passar um tempo cada vez mais prolongado longe dos pais e da família, com a conseqüente diminuição da autoridade dos pais.

O grupo que ela frequenta passa a determinar os seus padrões de comportamento e de atitudes. A associação com o grupo confere à criança certa impressão de aumento de poder e uma oportunidade de agir independentemente dos pais. Como se vê o grupo de companheiros influencia fortemente a socialização da criança. Nos tempos atuais, as famílias têm cada vez menos tempo para as crianças. Essas transformações sociais intensificam na segunda infância o padrão de filiação aos companheiros que assumem o encargo de ensinar à outra criança seu papel na sociedade.

No convívio com os companheiros, a criança aprende o valor de uma identidade e a necessidade de aceitar a que lhe é própria. O fato de se tratar de uma sociedade exclusivamente sua fornece-lhe uma justificativa para aceitá-la. No entanto, o grupo de companheiros não domina inteiramente a existência da criança na segunda infância. Diferentes tipos de valores sociais são simultaneamente transmitidos a ela: os dos pais, os da escola, os de origem religiosa, os da leitura, os da TV etc.

Uma das características mais importantes que uma criança pode desenvolver em casa é a autonomia. Os pais podem conseguir isto aplicando uma disciplina firme, porém justa, oferecendo reforço coerente e positivo para o comportamento e tendo pela criança uma consideração muito grande e carinhosa.

Os pais que trabalham fora podem evitar os efeitos nocivos desse distanciamento mantendo em alto nível a qualidade de seus contatos com os filhos.

1.4.11 A Escola

Uma das transformações mais marcantes e duradouras da vida acontece no início da segunda infância: a primeira experiência da criança com a escolarização formal. Ela, de certa forma, já está preparada para isso, mas muitos obstáculos vão se interpor em seu novo clima escolar: o tipo de escola, a qualidade de professores, os métodos de aprendizado, seus antecedentes sociais e culturais, o grau de liberdade que lhe é concedido, as exigências dos "deveres de casa", as expectativas quanto a si mesma e aos outros. Esse primeiro contato pode ser decisivo para o seu grau de êxito ou de frustração numa caminhada de longos anos de estudos.

Há várias categorias de escolas, mas a influência profunda virá dos professores. Há casos em que a sua influência rivaliza com a dos pais. Muitos professores são os

principais responsáveis pelo êxito ou fracasso profissional dos seus alunos. Para a criança, a compreensão é a característica mais importante do professor.

No ambiente de uma "classe aberta", de uma escola voltada para a criança, esta pode trabalhar com independência, seguindo seu próprio ritmo, e com alta chance de ser vitoriosa.

1.5 Adolescência (12 a 17 anos)

1.5.1 Conceitos Gerais

A adolescência é uma fase de profundas transformações, assinalando o fim da infância. São inúmeras as teorias sobre as causas e a extensão dessas transformações. Muitas dessas teorias são, entretanto, divergentes.

Em todas as culturas tem-se grande consciência da importância dessa fase da vida, considerada uma época de preparo para os privilégios e responsabilidades da idade adulta.

Para George STANLEY, FREUD e Anna Freud, a grande ênfase está nas transformações internas, geneticamente determinados. Esses psicólogos veem na maturação sexual e no aumento do impulso instintivo a força energética e organizadora desse estágio na vida.

PIAGET e ERIKSON sustentam posições intermediárias com referência aos determinantes do desenvolvimento do adolescente. Ambos reconhecem, naturalmente, a relevância dos fatores intrínsecos, mas Piaget afirma que os conflitos da adolescência decorrem também, em grande parte, da capacidade intelectual do adolescente de criar realidades potenciais perfeitas, que se chocam com a realidade da vida.

Na opinião de ERIKSON o conflito surge entre a busca da identidade e a confusão dos papéis. A maturação física indica o início da idade adulta, mas sob outros aspectos, o adolescente age como criança e é tratado como tal. Essa ambigüidade do papel do adolescente o deixa confuso. Por isso, ele se organiza em grupos de sua faixa etária, estabelecendo códigos de comportamento estritamente definidos, a fim de poder enfrentar essa confusão. O adolescente pergunta: "Quem sou eu?" Essa pergunta tão difícil encontra fácil resposta no grupo, porque eles se assemelham.

ERIKSON considera que a tarefa essencial da adolescência é o estabelecimento da identidade sexual ocupacional. Nesse contexto, tornam-se fundamentais as relações entre pares e, também, as relações amorosas.

O período da adolescência varia de uma cultura para outra.

1.5.2 Crescimento Físico

A adolescência é tida, como um período crítico do desenvolvimento. O corpo cresce mais rapidamente do que em qualquer outra fase, depois dos seis primeiros meses. O surto de crescimento inicia-se antes da puberdade (fase em que o ser humano começa a se tornar capaz de reproduzir-se sexualmente).

Há uma estreita relação entre crescimento e puberdade ambos ligados à uma questão hormonal.

Na maioria dos adolescentes, crescem sobretudo o tronco e os membros. Antes do surto de crescimento, o cérebro já terá atingido 95% do seu peso adulto.

O alongamento das mãos, dos pés e do pescoço contribui para dar ao adolescente certa desproporção que o torna desajeitado.

No ano que precede a puberdade, há o crescimento máximo. Durante a puberdade, o ritmo do crescimento começa a diminuir. Chama-se assincronia as diferenças de ritmo e índice de crescimento nas diversas partes do organismo. Essa assincronia diminui com o final do surto de crescimento. O máximo do desenvolvimento físico, assim como a idade em que tem início, são determinados geneticamente, embora as condições de vida (alimento, exercícios etc.) possam também exercer considerável influência.

Durante a infância, meninos e meninas não apresentam grandes diferenças de proporções. Na adolescência, porém, a diferença é quase dramática. Uma angustiante preocupação com a aparência física assalta o adolescente, quando ocorrem os fatores que enumeramos: a aceleração profunda do ritmo de crescimento, o desenvolvimento assincrônico e as diferenças individuais de época em que esses fatores ocorrem. É a fase dos complexos de inferioridade.

1.5.3 Desenvolvimento Cognitivo

Na adolescência, a atividade cognitiva apresenta, segundo PIAGET, a capacidade de raciocinar sobre o raciocínio. É o que ele denominou "representação de segunda ordem". Nesse estágio o adolescente utiliza as novas capacidades para refletir a respeito de si mesmo e do mundo exterior.

Nessa fase de representação de segunda ordem, destacam-se duas formas de pensamento: "as operações mentais formais" e as "operações mentais concretas". As operações mentais concretas focalizam a realidade concreta, enquanto as operações mentais formais têm como base o raciocínio abstrato. Essa capacidade possibilita ao adolescente introspectar; especular e abstrair. É por essas capacidades que ele pode, com eficiência, resolver problemas.

Três capacidades de solução de problemas caracterizam as operações formais: a capacidade de pensar em todas as alternativas, a de refletir sobre a atividade mental e a de abstrair.

Nem todos os adolescentes ou adultos de todas as culturas atingem o nível de pensamento operacional final. São necessárias para isso, tanto a maturação quanto a experiência.

1.5.4 A Família

Em geral, a família é um centro de conflitos porque é mais garantido rebelar-se num relacionamento seguro. Outro motivo é o fato de ser a família o núcleo social do qual o adolescente precisa separar-se.

É muito difícil para os pais tratar os filhos como adultos em desenvolvimento, como de fato são.

Por outro lado, a maturidade sexual do adolescente aumenta os seus conflitos com os pais, já que a possibilidade de externar os impulsos sexuais no seio da família representa para esta uma ameaça à sua estrutura.

A luta do adolescente pela sua independência é um dos maiores motivos de conflitos. Quando os pais cedem às exigências, essa atitude pode diminuir no filho a sensação de segurança; quando não cedem, podem ser considerados excessivamente restritivos.

O principal motivo pelo qual os pais relutam em conceder independência aos filhos é a forte sensação de que estes não se encontram preparados para entender as solicitações da sociedade adulta.

Não se deve esperar um relacionamento harmonioso entre os pais e os filhos adolescentes, porque nessa fase, o conflito entre as gerações constitui um aspecto normal do desenvolvimento.

1.5.5 Cultura Adolescente

Durante a adolescência, aumenta muitíssimo a importância do grupo da mesma faixa etária porque o grupo ajuda o adolescente a separar-se da família, além de que os adolescentes se sentem alienados de outros setores da sociedade.

Uma das causas da formação de uma subcultura de adolescência em nossa sociedade são os meios de comunicação. Eles não só difundem a cultura jovem, como sobretudo a estimulam o que contribui para que se criasse um mercado consumidor da adolescência.

O nome particular (apelido), a maneira de vestir-se e os costumes que cada grupo desenvolve conferem a seus membros uma identidade coletiva. Observando os outros membros do grupo o adolescente consegue ter uma imagem da sua aparência e do seu comportamento.

Definindo os códigos aceitáveis de vestuário, de comportamento e de valores compartilhados, o grupo contribui para a definição da identidade de cada um de seus membros. Por outro lado, a utilização do grupo para definir a sua identidade e valores faz com que o adolescente, muitas vezes, demore a assumir a responsabilidade por aquilo que ele é realmente. A fim de conquistarem popularidade, os adolescentes se submetem às regras do grupo. Eles sabem que um meio de tornar-se apreciado por alguém é assemelhar-se a esse alguém.

Não é comum travar amizades nem namoros fora do grupo. Aqueles que assim o fazem, em geral, mudam de grupo para continuar o relacionamento.

Existe, também, um pequeno número de adolescentes que jamais se associam a grupos em particular por já haverem escolhido os seus próprios caminhos. Em geral, esses adolescentes se envolvem em diversas atividades, ou dão prioridade a determinada meta pessoal. É natural que em tal condição a adolescência transcorra de modo mais tranquilo, já que não ficou à mercê do grupo.

1.5.6 Práticas e Atitudes Sexuais

Nos últimos trinta anos, houve uma verdadeira revolução sexual que atingiu a sociedade em geral. Esta revolução não alcançou apenas os jovens. Entretanto, os adolescentes são os mais atingidos por ela, já que o esforço psicológico para chegar a um acordo com a própria identidade sexual aumenta a importância que o adolescente atribui ao sexo.

As normas que haviam sido estabelecidas em nossa sociedade para a conduta sexual foram rompidas. Outrora, era regra geral a condenação do sexo fora do matrimônio. Hoje, não somente os adolescentes, mas também muitos pais modificaram seus princípios sobre esta questão.

As sociedades menos complexas retiveram regras mais rígidas com referência ao sexo.

No mês de setembro do ano de 1995, por iniciativa da ONU, realizou-se na China a Quarta Conferência Mundial para a mulher. Uma das resoluções aprovadas foi a de que a mulher tem direito sobre seu próprio corpo. Nada mais natural, não fossem todas as implicações e interpretações que tal resolução terá em diferentes sociedades humanas. Essa resolução trará, na verdade, uma nova revolução. Causará um forte impacto sobre a adolescência.

Pesquisa recente mostrou que até certo tempo atrás 50% dos jovens de ambos os sexos tiveram sua primeira experiência sexual aos 19 anos. Atualmente rapazes e moças admitem francamente terem tido experiência sexual bem antes desta idade.

No âmbito da sexualidade, os adolescentes não obtêm dos pais, de modo geral, os esclarecimentos de que necessitam. Os cursos de educação sexual é que apresentam uma resposta ao desejo de maior informação.

O aparecimento do vírus HIV trouxe nova revolução, esta no sentido de evitar a promiscuidade.

1.6 A Idade Adulta (a partir dos 18 anos)

No Novo Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, encontramos definições de "adulto":

- "Que chegou ao uso da razão ou à idade vigorosa".
- "Que atingiu a maioridade".
- "Diz-se do ser vivo que atingiu o máximo do seu crescimento".
- "Psicologicamente: diz-se do indivíduo que atingiu plena maturidade, expressa em termos de adequada integração social e adequado controle do intelecto e das emoções.

No dicionário francês de Paul Robert, encontramos as seguintes definições:

- "Adulto" – (do latim "*adultus*", particípio passado de "*adolescere*", "crescer").
- "Diz-se de um ser vivo que atingiu o máximo de seu crescimento. No homem, do fim da adolescência ao começo da velhice."

São muitos os indícios que distinguem a idade adulta na sociedade brasileira. A idade em que se chega a cada um desses indícios varia de uma parte do país para outra. Até mesmo num único local, difere a idade para que sejam conferidos os privilégios típicos da idade adulta. Muitos direitos legais representam um sinal de idade adulta: casar-se, dirigir carros, obter créditos etc. – mas nenhum deles, isoladamente ou em conjunto, garante que a pessoa já é adulta.

A idade adulta assinala, pois, o fim da adolescência, como esta assinalada o fim da infância. Podemos considerar três fases na idade adulta: adulto jovem, a idade madura e a terceira idade. O que não é cabível, é desvincular jovem da idade adulta.

O adulto jovem, na plenitude de sua capacidade física, cognitiva, emocional e social tem por motivações principais a capacitação profissional e a constituição da família.

A idade madura caracteriza-se pela plena posse e experiência nas capacidades acima referidas.

A terceira idade supõe o usufruir do trabalho e da experiência de toda uma vida que deve, agora, ser coroada pela sabedoria e pela serenidade.

2. IMPORTÂNCIA DA ESCOLA DOMINICAL¹

A Escola Dominical não é simplesmente uma opção de estudo bíblico dominical. É antes um dever, quase uma obrigação, e atende à necessidade de cada crente de alimentar-se pelo estudo compartilhado da Palavra, para um crescimento equilibrado na vida cristã. E, tal como na vida quotidiana, quem não se alimenta adequadamente não cresce, mas antes definha e morre.

Muitos crentes agem como se a Escola Dominical fosse apenas um apêndice do Culto, com classes mais ou menos interessantes a depender de um professor esforçado, para se frequentar ao sabor da disponibilidade de tempo quando chegamos mais cedo para o Culto.

Contudo, a Escola Dominical se constitui quase na única oportunidade para encontro semanal, regular, de cristãos comprometidos com o Reino de Deus, ocasião em que podemos escutar atentamente uns aos outros e, compartilhar à luz da Palavra de Deus, nossas experiências de vida cristã. Neste sentido propicia um ambiente favorável, desejado por Deus, de crescimento dentro do "Corpo de Cristo", rompendo as barreiras da impessoalidade que fazem com que muitos frequentem à Igreja sem dela efetivamente participar.

Conclamamos a todos que valorizem este Patrimônio do Povo de Deus, participando ativamente e se comprometendo com o ministério de Educação Cristã, do qual todos, sem exceção, fazemos parte.

3. OBJETIVOS DA ESCOLA DOMINICAL²

Podemos mencionar os seguintes, dentre outros:

- Reunir, aos domingos, os membros da Igreja para estudar as Escrituras;
- Ministar a crianças, adolescentes, jovens e adultos, alcançando toda a família;

¹ Rev. Guilhermino Cunha

² Rev. Guilhermino Cunha

- Difundir valores cristãos que permitam construir de modo firme e sólido a vida cristã;
- Ser instrumento eficaz de Educação Cristã que facilite a transmissão de "vida abundante" prometida por Jesus (Jo 10.10);
- Propiciar um ambiente adequado onde se possa escutar atentamente as opiniões uns dos outros e, bem assim, as preocupações mais profundas que as ensejam;
- Formar quadros que permitam tornar permanente o desenvolvimento de recursos humanos para Educação Cristã.

4. PERSPECTIVAS E REFLEXÕES³

A "Igreja Reformada, sempre se reformando" é garantia de não sermos surpreendidos ou atropelados por esse fator inexplorável no qual tudo acontece: o Tempo. Nesse sentido, estamos repensando a Escola Bíblica Dominical, o que é oportuno, sobretudo na transição do século e do milênio.

Viva, porque bíblica em sua natureza, a Escola Bíblica Dominical carece, no entanto, de se atualizar, de alargar a visão e de se aprofundar. Filhos da luz, precisamos ser mais atilados com a nossa geração do que os filhos deste século (Lc 16.8).

A Escola Bíblica Dominical quer dar um salto qualitativo. Para tanto, é preciso repensá-la em termos de currículos, de preparo de professores de metodologia, de material didático, de adequação das classes a níveis diversos etc.

Definidos, ainda que sumariamente, os Fundamentos e Objetivos da Escola Bíblica Dominical, desejamos, agora, realinhá-los às faixas atuais da escolaridade secular. Nesse setor, processam-se mudanças baseadas em novas pesquisas científicas e sociais, o que justifica o realinhamento da Escola Bíblica Dominical.

A *Pré-Escola* encontra-se em fase de reformulação, visando colocá-la como parte integrante da própria escola-básica, retirando-lhe o aspecto meramente assistencialista, compensatório e preparatório.

A *Escola Básica*, por sua vez, acha-se na fase de implantação gradual do Programa Integrado de Atualização Continuada. Esse programa congrega a erudição e a experiência de integrantes de grandes instituições a nível federal e estadual.

³ Rev. Guilhermino Cunha

As modificações que se processam não estão se inspirando em grandes pedagogos e psicólogos, através de suas publicações, e via congressos.

Para nossa informação, alinhamos algumas observações:

1ª) Quanto à terminologia, há empregos concomitantes:

- Pré-escola / Educação infantil (0-6 anos).
- 1º Grau Menor e 1º Grau Maior / 1º Grau: séries iniciais e 1º Grau séries terminais.

2ª) O conceito de "adolescente" como pessoa em desenvolvimento, estende-se dos doze anos incompletos aos dezoito anos de idade (Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8.069 de 13/07/90, Art. 2º).

No entanto, "nos casos expressos na lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte anos de idade." – Art. 2º, Parágrafo Único.

Esses cursos expressos em lei referem-se a:

- a) "Da Tutela", Art. 36.
- b) "Da Adoção", Art. 42 e Art. 42 §2º
- c) "Da Internação", Art. 121 §5º
- d) "Do Acesso à Justiça", Art. 142.

Com esses dados, fica demonstrado que não se pode considerar indiscriminadamente a adolescência como a faixa etária dos doze aos vinte e um anos de idade.

3ª) Teve início, neste ano de 1995, a implantação da nova divisão por faixa etária da Educação Infantil/Pré-Escola, como a seguir apresentada:

NOVA DIVISÃO POR FAIXA ETÁRIA – 1995

Educação Infantil	Creche	0 – 2 Anos
	Maternal	2 – 3 Anos
Pré-Escola	Jardim 1	3 – 4 Anos
	Jardim 2	4 – 5 Anos
	Jardim 3	5 – 6 Anos

CLASSIFICAÇÃO POR DESENVOLVIMENTO

Primeira Infância	0 – 2 Anos
Pré-Escola	2 – 5 Anos
Segunda Infância	6 – 12 Anos
Adolescência	12 – 17 Anos
Idade Adulta	18 Anos em diante

ENSINO SECULAR – ATÉ 1994

Educação Infantil	Creche	0 – 2 Anos
	Maternal 1	2 – 3 Anos
	Maternal 2	3 – 4 Anos

Pré-Escola	Jardim 1	4 – 5 Anos
	Jardim 2	5 – 6 Anos
	CA	6 – 7 Anos
	1ª Série	7 – 8 Anos

1º Grau Menor ou Séries Iniciais	2ª Série	8 – 9 Anos
	3ª Série	9 – 10 Anos
	4ª Série	10 – 11 Anos

1º Grau 1º Grau Menor ou Séries Terminais	5ª Série	11 – 12 Anos
	6ª Série	12 – 13 Anos
	7ª Série	13 – 14 Anos
	8ª Série	14 – 15 Anos

2º Grau	1ª Série	15 – 16 Anos
	2ª Série	16 – 17 Anos
	3ª Série	17 – 18 Anos

3º Grau	–	18 Anos em diante
---------	---	-------------------

ENSINO SECULAR – EM IMPLANTAÇÃO

Educação Infantil	Creche	0 – 2 Anos
	Maternal	2 – 3 Anos

EBD – Fundamentos e Objetivos

Pré-Escola	Jardim 1	3 – 4 Anos
	Jardim 2	4 – 5 Anos
	Jardim 3	5 – 6 Anos

IPRJ – DEPARTAMENTOS EM 1997

1º Departamento	Berçário	0 – 1 Ano
-----------------	----------	-----------

2º Departamento	Maternal 1	1 – 2 Anos
	Maternal 2	2 – 3 Anos
	Maternal 3	3 – 4 Anos

3º Departamento	Jardim 1	4 – 5 Anos
	Jardim 2	5 – 6 Anos

4º Departamento	Primário 1	6 Anos (alfabetização)
	Primário 2	7 Anos – 1ª Série
	Primário 3	8 a 9 Anos – 2ª Série

5º Departamento	Intermediário 1	10 Anos – 3ª Série
	Intermediário 2	11 Anos – 4ª Série

6º Departamento	Adolescentes 1	12 – 13 Anos
	Adolescentes 2	14 – 16 Anos

7º Departamento	Jovens 1	17 – 20 Anos
	Jovens 2	21 – 25 Anos
	Jovens 3	26 – 35 Anos

8º Departamento	Adultos	36 Anos em diante
-----------------	---------	-------------------

9º Departamento	Integração I e II	-
-----------------	-------------------	---

10º Departamento	Culto Infantil	-
------------------	----------------	---



 **ESCOLA** 
BÍBLICA DOMINICAL

Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro

**Edição Revisada
JUL/2022**